

O HABITAR EM UM HOMEM E SUA FAMÍLIA

Erlane Gonçalves da Silva (CAC/UFG)¹

Neste trabalho, analisaremos a espacialidade da casa no romance de Braz José Coelho (1997), *Um homem e sua família*. O objetivo é estudar as relações que existem entre a família e o espaço da casa. Entre os autores que subsidiarão a pesquisa encontra-se Bachelard (1989), Iuri Lotman (1978), Osman Lins (1976) e Borges Filho (2007). Esses autores poderão contribuir para a análise dos efeitos de sentido que surgirão a partir dessa espacialidade. Para esta pesquisa, recorreremos à metodologia da Topoanálise, sendo que esta consiste em verificar os espaços presentes na obra literária e sua relação com outras categorias narrativas e os efeitos de sentido produzidos. Para Bachelard, a casa é a base do ser humano, ela representa o seu centro. No romance em foco, as personagens se deslocam do norte de Goiás para São Paulo, à procura de conforto e segurança. A viagem chega ao fim na estação ferroviária da cidade de Catalão estado de Goiás. Não tem como prosseguir para a cidade de São Paulo, pois o dinheiro acabou e a criança mais nova está doente. O homem sai à procura de um espaço estabilizador onde pudesse dar segurança a sua família. De início, alojam-se debaixo de uma cagaiteira na beira da estrada, saída para a cidade de Goiandira. No mesmo dia, o marido constrói uma cabana improvisada e será neste abrigo que passarão dias e noites à espera da construção da casa. Por muito tempo, o marido trabalhou na construção do casebre. Construíram dois cômodos, um servia de sala e cozinha e o outro de quarto. A partir do processo de edificação é que se constituem as vivências e as experiências das personagens em *Um homem e sua família*.

INTRODUÇÃO

¹ Erlane Gonçalves da Silva, estudante de mestrado em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal de Goiás – CAC, goncalveslane@yahoo.com.br

O romance *Um homem e sua família* de Braz José Coelho retoma uma época em que a população da região do nordeste sofre, pois não há como ter uma vida digna diante de tantas intempéries do tempo, a seca é predominante naquela região. O cenário que nos apresenta inicialmente é o da natureza, que segundo Borges Filho: “Por natureza, entendem-se os espaços não construídos pelo homem”. (p.48). A chuva demora a chegar nada sobrevive sem a água, o homem sofre as consequências, “Crianças foram nascendo no espaço de ano e pouco [...]” “O tempo mudando, seca e chuva destemperadas, trabalhos desaparecendo, a vida virou um risco imprevisível”. (COELHO, p. 64). Não há emprego. E esse é o maior sonho da personagem protagonista “o Homem”, ter o dinheiro para as despesas da família todo fim de mês.

A vida era assim para todos. Tanto que na narrativa há uma generalização, mas o que chama bastante atenção é o fato de que as personagens, homem e mulher, não têm nomes próprios. Durante toda a narrativa o narrador os trata como “o homem”, ou “o marido”, ou “a mulher”, ou a “esposa”. As crianças são chamadas pelos pais de o filho mais velho, o filho do meio e o filho mais novo.

Apenas as crianças são nomeadas. A mãe diz o nome das crianças, porém, é citado apenas uma vez pela personagem. Pois em determinado momento é narrado por ela [a mãe] o nome de cada criança, a esse narrador segundo os conceitos da Topoanálise denominado como narrador homodiegético, sendo esse tipo de narrador secundário, mas que narra os fatos acontecidos. “Dos três filhos, o primeiro Joaquim, o do meio Francisco e o caçula José, Todos apelidados o primeiro filho “Quim”, o segundo “Chico” e o mais novo “Zezinho”.” (COELHO, p. 58).

Pessoas vivem as angustias de uma terra seca e sem vida, não há recursos financeiros, tudo que se consegue é com muito esforço e vontade de sobreviver. Esse espaço não oferece nada, tudo é mingado. O homem decide partir, pois os filhos não terão a oportunidade de ter educação, de frequentar a escola, se continuar vivendo naquele lugar. “Os filhos já necessitando aprender em escolas aquilo que lhes não poderia ensinar.” (COELHO, p. 16). É preciso

oferecer aos filhos destino diferente do seu e da mulher. O mundo é grande.

E vinha-lhe a mente as falas das pessoas que conheciam Minas, São Paulo, lugares diferentes, com muitas oportunidades para quem não tinha medo de serviço. (COELHO, p. 66). Toda busca tem seu caminho, e todo caminho leva a uma busca, incerta na maioria das vezes, mas uma busca – e ele buscava ocupava para suas habituadas a muito fazer. (COELHO. p. 13).

A descida foi penosa. Chegando a Catalão o homem constrói com a ajuda de seus filhos um abrigo improvisado, um esboço de uma cabana, utilizando-se de materiais que são extraídos da natureza: “Os meninos haviam cortado bastantes ramos e o marido principiou de imediato o trabalho, embora à noite começasse a escancarar sua boca querendo tragar o mundo. Enquanto a família se alimentava, rápido erguia um simulacro da cabana para abrigá-los.” (COELHO, 1997, p. 77).

A espacialidade da casa surge pela narração da personagem o menino mais velho, a esse tipo de espacialização temos pelo conceito da Topoanálise a espacialização reflexa:

Os espaços são percebidos através da personagem sem intrusão direta do narrador, exceto se o narrador for também personagem. Sua característica distintiva em relação à espacialização franca é o efeito de subjetividade dado à descrição. Nessa modalidade a personagem pensa ou fala sobre o espaço. Esse tipo de espacialização pode ocorrer nas narrativas de terceira ou de primeira pessoa. (BORGES FILHO, 2007).

“A casa – apenas dois compartimentos: o primeiro era sala e cozinha, o outro, o quarto de dormir.” (COELHO, 1997, p. 28).

É importante mostrar que há também um contraste dessa casa em relação ao sentido de habitar em Bachelard, “Porque a casa é o nosso canto do mundo. Ela é, como se diz amiúde, o nosso primeiro universo. É um verdadeiro cosmos. Um cosmos em toda acepção do termo. Vista intimamente, a mais humilde moradia não é bela?” (BACHELARD, 1989, p. 25). A palavra “utilizar” não evoca o verdadeiro sentido do habitar do teórico. Inicialmente a casa da família serve apenas como abrigo, não revela nenhuma relação sentimental. “A moradia apenas um barraco sem nenhuma repartição; mas era um abrigo e

ninguém neste mundo consegue viver sem que tenha um lugar onde possa dormir. [...]”. (COELHO, 1997, p. 82).

A casa fica finalmente pronta, o homem sai à procura do tão sonhado emprego. Mas não consegue nada. Essa busca fracassada faz com que a família sofra mais decepções a personagem o [homem], já não tem mais esperança.

O homem não me deu emprego coisa nenhuma, era só pra ajudar de caminhão hoje nem transporte de arroz que estava numa fazenda ai perto. Acabou o carreto, acabou o emprego. Não precisa mais de mim, Me pagou, me deu arroz que eu catei no chão, meio sujo, me disse que não tinha mais serviço pra mim, que não preciso mais voltar amanhã. Foi só isso. (COELHO, p. 100)

Vendo-se impossibilitado de sustentar a casa, o homem sente-se humilhado, como se estivesse sendo aos poucos destruído. Isso desencadeou uma relação sentimental negativa em sua moradia, e a essa experiência sentimental a Topoanálise denomina como Topopatia que significa a relação sentimental, experiencial, vivencial existente entre personagens e espaço. Ela se divide em duas formas. Quando a relação é afetiva positiva, ou seja, a personagem sente-se bem no espaço em que se encontra, temos a topofilia, em contraste temos a topofobia que causa efeitos negativos, maléficos e disfórico entre personagem e espaço. Na obra em foco predomina a topofobia, na maior parte do enredo a ligação entre personagens e espaço é angustiante. Temos no trecho a seguir a exemplificação de um dos muitos momentos topofóbicos vividos pelas personagens:

[...] voltaria ao casebre, cansado e aturdido, ponta de rua, saída da cidade, princípio da estrada rumo à Goiandira. Estiraria o corpo doído sobre o jirau, mal falando à mulher deitada ao seu lado – nesses dias, pouco ou nada tinham a dizer um ao outro, a precisão exasperando criava aspereza e atrito nas falas. A língua da lamparina punha grotescas e espichadas sombras no chão batido, ou, no quebrarem-se ao meio, encompridavam pelas paredes de adobes, como almas penadas, silenciosas e frias, que viessem se intrometer entre os vivos. Sono pesado de muita canseira dormiria, o filho a

ringir os dentes curtos na aflição de um sono cheio de lombrigas. (COELHO, 1997, p. 13)

Sem o mínimo de conforto, eles se vêm mergulhados na pobreza. O narrador estabelece a analogia entre as características do espaço com as personagens, à medida que ele nos apresenta as condições deploráveis da casa, percebemos que essas também fazem parte da caracterização do homem e de sua família. A língua da lamparina punha grotescas sombras no chão se quebrando na paredes de adobe, temos nesse momento as coordenadas espaciais alto e baixo, o eixo da verticalidade e da horizontalidade. O chão como o negativo as almas penadas se quebram-se ao meio “encompridava pelas paredes”, a impenetrabilidade da parede é quebrada neste momento em que o narrador afirma que as sombras são como almas penadas, silenciosas e frias, intrometendo entre os vivos. A família e as almas penadas se assemelham como se ambas estivessem sem lugar nesse mundo, vagando sem destino. A caracterização da lamparina remete a personalização das condições psicológicas das personagens.

Note-se que não obsta somente a topofobia no texto, há minimante momentos de topofilia, em que se verifica a ligação positiva entre a personagem e o espaço em que ela vive. Vemos a alegria das crianças, a comida sendo preparada, o capricho na organização da casa pelo menino mais velho.

Os filhos brincavam no terreiro do quintal, fazendo a maior das algazaras. Quando viram a mãe a brincadeira se estacou como por encanto, e foram calados se achegando dela. A casa varrida, o feijão no fogo, tudo bem arrumado – o menino mais velho parecia que tinha caprichado em sua tarefa, percebeu de uma olhada rápida de inspeção. [...] As crianças embora ressabiadas, alegraram com a vinda da mãe, o caçula logo perguntado pelo embrulho que ela trazia nas mãos. Era doce – olhar guloso. (COELHO, 1997, p. 57)

A espacialização, ou seja, o construir, o habitar da casa e dos cenários que as compõe são topofóbicos na maioria da obra *Um homem e sua família*.

Sempre o desconforto, a dor, a miséria, envolvem as vivências das personagens nesse espaço. A casa apenas um abrigo não tem porão nem sótão, não é a casa dos sonhos e devaneios, cumpre apenas seu papel de abrigar. Habitar aqui se dá de maneira rude, fria sem aconchego. A única certeza era de que precisavam fixar em algum lugar, ter seu próprio espaço.

A falta da mobília e dos utensílios domésticos, a forma com que o narrador os caracteriza, a falta da luminosidade, a salubridade, o frio, as sombras, nos faz pensar que esta é uma obra cujas temáticas são as angústias humanas, a busca que não se concretizou. A casa sonhada pelas personagens não as possibilita de se realizarem. A escola para as crianças, o emprego, a mesa farta de alimentos não se concretiza, restando a eles a miséria, a pobreza que está refletida em toda espacialidade da casa e do quintal.

Referências

- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- BORGES FILHO, Oziris. **Espaço e literatura: introdução à toponálise**. Franca: Ribeirão Gráfica e editora, 2007.
- ORTÊNCIO, Bariani. **Dicionário do Brasil Central** - subsídios à Filologia. 2. ed. rev. e ampl. Goiânia: Kelps, 2009.
- COELHO, Braz José. **Um Homem e sua família**. Catalão: Kelps, 1997.
- HOUAISS, Antônio. VILLAR, Mauro. **Minidicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva 2008.
- LINS, Osman. **Lima Barreto e o espaço romanesco**. São Paulo: Ática, 1976.
- LOTMAN, Iuri. **A estrutura do texto artístico**. Lisboa: Estampa, 1978.